



25 DE MAIO DE 2015

Segunda-feira

- IVECO ANUNCIA INVESTIMENTO DE R\$ 650 MILHÕES EM MG
- OS ACORDOS ENTRE BRASIL E CHINA
- NA SEMANA DA REFORMA POLÍTICA, É HORA DE PRESTAR ATENÇÃO AOS "EFEITOS COLATERAIS"
- APENAS 20% ESTÃO SATISFEITOS COM CARREIRA OFERECIDA POR EMPRESAS
- MP 664 CAUSA DIVERGÊNCIA ENTRE ÁREA ECONÔMICA E POLÍTICA
- COMAU SMARTROB FAZ MONTAGEM DE MOTORES
- IHS BUSCA NOVO DIRETOR DE CONSULTORIA AUTOMOTIVA
- AUDI VENDE 5,2% MAIS VEÍCULOS NO 1º QUADRIMESTRE
- BOSCH: CARRO DO FUTURO PERTO DE VIRAR REALIDADE
- AÇÃO DA FIAT CHRYSLER CAI QUASE 3% APÓS NOTÍCIA DE QUE APROXIMAÇÃO COM GM FOI REJEITADA
- ECONOMISTAS ELEVAM PROJEÇÃO PARA SELIC A 13,75% EM 2015 E A 12% EM 2016
- GERAÇÃO DE EMPREGO FORMAL NO BRASIL TEM PIOR ABRIL DA SÉRIE HISTÓRICA
- BC ENDURECE DISCURSO E DIZ ESTAR TOTALMENTE COMPROMETIDO COM META DE INFLAÇÃO EM 2016
- GOVERNO FINALIZA PLANO PARA FREAR DEMISSÕES
- DEFICIT NO INSS DEVE ATINGIR O MAIOR PATAMAR EM 6 ANOS
- DESIGUALDADE DE SALÁRIOS ENTRE HOMENS E MULHERES MAIS QUE DOBRA EM 12 ANOS
- AUSTRÁLIA DESISTE DE INVESTIGAR MERCADO DE MINÉRIO DE FERRO
- AUDI SE UNE AO BAIDU POR CARROS CONECTADOS NA CHINA

- LÍDERES DO BCE E DO FED DIVERGEM SOBRE COMO ESTIMULAR O CRESCIMENTO ECONÔMICO
- CHINA GARANTE QUE FERROVIA BRASIL-PERU RESPEITARÁ MEIO AMBIENTE
- EMPRESAS TAIWANESAS BUSCAM PARCEIROS BRASILEIROS
- PÁS DE AÇO PARA GERADORES EÓLICOS SÃO 90% MAIS BARATAS
- PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇO RECUA EM ABRIL
- ARCELORMITTAL E SAIL VÃO PRODUZIR AÇO AUTOMOTIVO NA ÍNDIA
- USINAS DE FERRO-GUSA JÁ DEMITIRAM 37,5 MIL
- MMX REGISTRA PREJUÍZO DE R\$263 MILHÕES NO 1º TRIMESTRE

CÂMBIO EM 25/05/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,113	3,113
Euro	3,415	3,416

Fonte: BACEN

Iveco anuncia investimento de R\$ 650 milhões em MG

25/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil



A Iveco anunciou na semana passada que está colocando em prática os planos traçados para o investimento de R\$ 650 milhões que serão aplicados pela empresa até 2016. A marca pretende concentrar esforços na localização de componentes, no aprimoramento contínuo dos processos industriais e na otimização dos fluxos logísticos, visando o aumento da eficiência e da competitividade dos veículos Iveco no mercado brasileiro.

"Queremos produzir de forma cada vez mais sustentável e entregar ao mercado produtos com alta qualidade, tecnologia e uma dose extra de competitividade. É a manifestação do compromisso de posicionar a Iveco no lugar de destaque que a marca merece ocupar no mercado brasileiro", destaca Marco Borba, vice-presidente da Iveco para a América

Latina. Os investimentos em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação vão responder por mais de um terço dos investimentos, cerca de R\$ 240 milhões.

A fábrica de Sete Lagoas, que produz uma gama que vai dos veículos leves ao blindado Guarani, já recebeu novas máquinas e equipamentos adquiridos com o início desse novo ciclo de investimentos.

Em linhas gerais, as novas tecnologias implantadas nos processos produtivos estão voltadas à qualidade, como as novas máquinas que ajudam no diagnóstico de falhas, equipamentos para realizar eletronicamente o abastecimento de fluidos – com detecção automática de vazamentos – e um novo robô de pintura.

A fábrica também se tornou espaço para o teste de iniciativas pioneiras mundialmente, como o Projeto SL Glass, que utiliza tecnologia de realidade aumentada, por meio de dispositivos óticos.

A ferramenta proporciona aos colaboradores colocar em prática seus conhecimentos, diminuindo a ocorrência de falhas e maximizando o tempo de execução da tarefa em atividades como o sequenciamento de peças, montagem dos veículos, auditorias de qualidade no produto acabado, entre outras. O projeto, ainda em fase experimental, já obteve bons resultados desde seu início, em maio de 2014.

Distrito Industrial - Boa parte dos investimentos anunciados está sendo aplicada para aumentar o índice de nacionalização das peças que compõem os caminhões produzidos em Sete Lagoas, em um movimento que deverá representar um grande estímulo para a indústria de autopeças da região e do País. Do lado da Iveco, a utilização em escala ainda maior de itens nacionais representa para a marca mais eficiência logística e mais independência das variações do câmbio.

Em novembro de 2014, foi realizada uma cerimônia de inauguração do Distrito Industrial da Iveco. O local fica ao lado da fábrica da montadora, em uma área de 257 mil m², às margens da rodovia MG 238. A intenção, claro, é que as empresas fornecedoras da marca se instalem ali, um movimento que também já se iniciou. Oito dos 20 lotes disponíveis já estão reservados.

“O Distrito Industrial deverá gerar 700 empregos diretos e 2.800 indiretos, além de representar um aumento de 10% a 15% no número de fornecedores de material localizados em Minas Gerais”, afirma Osias Galantine, diretor de Compras da CNH Industrial, empresa que controla a Iveco.

Os acordos entre Brasil e China

25/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

No dia 19 de maio, o primeiro-ministro chinês Li Keqiang foi recebido pela presidente Dilma para a assinatura de 35 acordos, pelos quais a China deverá injetar US\$ 53 bilhões em projetos de infraestrutura, comércio e serviços no Brasil.

Nesse valor, está incluso aporte de US\$ 7 bilhões somente na Petrobras, em financiamento para projetos inseridos no plano de investimento da estatal brasileira.

Coincidentemente, esse valor é próximo do quanto a Petrobras reconheceu como perdas em seu balanço em função dos desvios já confessados no âmbito da Operação Lava Jato. A injeção de capitais estrangeiros no Brasil tem duplo efeito positivo

O governo brasileiro divulgou com entusiasmo o “pacote chinês”, principalmente para amenizar o clima de extremo pessimismo que paira sobre a economia nacional em razão

da queda no Produto Interno Bruto (PIB) de 2015, aceleração da inflação e das críticas ao pacote de ajuste fiscal apresentado ao Congresso.

O PIB de 2014 foi igual ao de 2013 e a previsão do próprio governo indica que, em 2015, o PIB será 1,2% menor que no ano anterior, o que configura um quadro de recessão.

A lista dos 35 acordos é longa e cobre várias áreas, mas não se sabe com precisão quanto do total de US\$ 53 bilhões destina-se a investimentos diretos da China no Brasil e quanto será aportado como empréstimos a serem devolvidos com os devidos encargos de juros.

Os detalhes deverão ser conhecidos à medida que o conteúdo detalhado dos acordos for sendo revelado nos próximos meses.

Também não se sabe ao certo se a China irá tornar-se detentora de participações societárias em empresas estatais brasileiras e em que proporção isso poderá ocorrer. Como há muitos pontos não explicitados, é o caso de perguntar se haverá desestatização de frações do capital de estatais por meio de venda para a China.

Se isso ocorrer, cabe indagar também se os setores do PT e da CUT sistematicamente contrários a qualquer tipo de privatização vão promover movimentos contra a "entrega" de partes do capital estatal nacional para os chineses.

Questões ideológicas à parte, a injeção de capitais estrangeiros no Brasil tem duplo efeito positivo. Primeiro, é importante contribuição para a recuperação da combatida infraestrutura brasileira. Segundo, os dólares que vierem a ingressar darão relevante ajuda para amenizar o déficit em transações correntes (resultado da balança comercial e da balança de serviços).

A avaliação inicial – que é precária em face da ausência de detalhamento dos acordos – é de que a iniciativa é positiva, sobretudo porque a China vem se constituindo em importante parceiro comercial para as exportações brasileiras e o Brasil anda bastante deficitário em infraestrutura, e o dinheiro chinês poderá ajudar a superar as deficiências, como é o caso do acordo para expansão da malha ferroviária.

No lado das críticas, é possível destacar que os acordos, pelo menos em sua versão publicada, são genéricos e deixam lacunas não esclarecidas, razão por que não é possível avaliação tecnicamente profunda. Um segundo aspecto obscuro diz respeito à ausência de cronogramas de aporte dos recursos e da execução dos projetos.

Terceiro, e talvez o mais importante, não se sabe claramente quais contrapartidas o governo chinês exigirá em relação a controles e poder decisório sobre os projetos nos quais investirá.

Os mesmos críticos da privatização também sempre foram contra a internacionalização da economia brasileira e a abertura ao investidor privado estrangeiro. Resta saber o que dirão em relação à abertura para a entrada de capitais chineses e as exigências feitas para colocar seu dinheiro no Brasil.

Apesar dos efeitos positivos para a economia brasileira, em um ponto não dá para ter ilusões: a China é um país comunista governado por uma ditadura que não é acostumada a negociar de forma leve nos embates comerciais internacionais.

Ainda que os acordos possam ser considerados positivos, somente os desdobramentos futuros permitirão dizer se o Brasil fez um bom negócio. De qualquer forma, trata-se de uma inflexão no viés antiprivatização do PT, pois a permissão de investimentos estrangeiros no país em projetos historicamente estatizados, sejam eles feitos por um

governo ou por investidores privados, é uma forma de desestatização. É o caso de esperar para ver.

Na semana da reforma política, é hora de prestar atenção aos "efeitos colaterais"

25/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Ao eleger seus deputados por meio do voto proporcional em lista aberta – no qual o eleitor vota em um candidato e, automaticamente, contribui com o quociente eleitoral de sua chapa – tornou-se praticamente impossível a construção de um partido único majoritário.

A legenda que vence as eleições tende a ficar com apenas 20% das cadeiras, e tem que negociar o apoio de um segundo partido, com votação quase igual, e uma vasta gama de "nanicos".

O parágrafo acima é uma descrição do que acontece hoje no Brasil, mas poderia estar falando da Finlândia. No gélido país europeu, o Congresso eleito é dividido entre dois partidos grandes de situação, dois de oposição e outras várias legendas menores que se aglutinam ao redor desses dois campos.

Para que o país se mantenha "governável", os partidos são forçados a recorrer a alianças delicadas. A única coisa que esses dois países tão diferentes têm em comum? O mesmo modelo de votação.

Quando um país decide adotar um determinado modelo de votação, há que se considerar os diferentes impactos que eles podem causar. É impossível prever o impacto exato que a adoção de um modelo ou outro pode ter na vida política da nação, mas é possível saber quais aspectos da política são privilegiados e quais perdem importância.

Nesta semana, a Câmara deve concluir a votação do relatório da reforma política. A mudança mais vistosa, ainda que não seja a única alteração relevante, é a mudança do formato das eleições para deputados e vereadores.

Parte do PMDB, liderado por Eduardo Cunha, presidenta da Câmara, e Michel Temer, vice-presidente da República, se aliou ao "baixo clero" para defender o chamado "distritão". Já o PSDB e o PT fizeram uma improvável aliança para defender o voto distrital misto. Há, ainda, o PSB na defesa da manutenção do modelo atual.

O modelo distrital misto seria uma opção mais "conservadora" em relação ao sistema político. Ela introduz o caráter de representação majoritária distrital, mas mantém uma eleição proporcional paralela – é uma espécie de meio-termo entre os modelos distrital e proporcional. O modelo atual também pode ser visto como um meio termo, ao permitir que o eleitor escolha seu candidato, mas vote sempre em partidos.

A principal diferença é que, por incluir o voto distrital, por duplicar o quociente eleitoral e por criar a necessidade de campanhas partidárias organizadas, a tendência é que partidos maiores, mais organizados e com campanhas majoritárias mais fortes – como, por exemplo, o PT e o PSDB – tendam a concentrar mais cadeiras nos parlamentos. Logo, a tendência seria de redução no número de partidos com representação.

O "distritão", por outro lado, é uma mudança radical na lógica da eleição para câmaras baixas. Não há, nesse caso, uma fórmula que garanta a representação proporcional por partidos ou por regiões – e, por isso, é um modelo pouquíssimo usado no mundo. Ao reduzir a importância dos partidos, a tendência é que interesses individuais das lideranças políticas se sobreponham a projetos políticos coletivos.

Voltando à Finlândia, é bom lembrar que os dois países adotam o mesmo modelo de votação há quase um século – nós, desde a década de 1930, eles, desde a década de 1900.

Eles ocupam as melhores posições nos rankings de educação, saúde, renda e transparência – nós flutuamos nas posições intermediárias. Logo, mudar o sistema eleitoral não vai significar uma revolução na vida dos brasileiros.

Mas há um impacto na maneira como somos representados – e isso não pode ser ignorado na hora de debater a reforma política.

Na pressa, outros modelos possíveis foram "descartados"

O "distritão" e o voto distrital misto parecem ser as duas teses com mais força no debate da reforma política atualmente. Entretanto, há outros modelos possíveis defendidos tanto por organizações da sociedade civil quanto pelos próprios partidos políticos. Essas opções vão desde o voto distrital puro até uma nova modalidade de voto proporcional em lista aberta – o voto em dois turnos.

Em abril, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou, em caráter terminativo, a adoção do voto distrital puro nas eleições municipais. É improvável que a Câmara chegue a analisar essa proposta, mas há movimentos que defendem a adoção universal desse sistema.

O voto distrital puro é o modelo mais usado em democracias ao redor do mundo. A tese é que um parlamentar eleito de forma majoritária por uma pequena região do país teria uma ligação mais forte com seus eleitores do que um parlamentar escolhido pelo modelo proporcional – uma vez que seria mais simples para o eleitor saber quem é o "seu" representante.

Entretanto, democracias tradicionais que utilizam esse sistema já discutem a possibilidade de adotar eleições proporcionais. O grande problema é que, ao tornar a eleição majoritária, o parlamento é formado apenas pelos "vencedores" locais. Isso pode distorcer a forma como diferentes correntes de pensamento são representadas.

Um desses países é o Reino Unido. No início deste mês, as eleições nacionais resultaram em um parlamento com mais da metade dos parlamentares filiados ao partido conservador.

Entretanto, este partido teve, globalmente, apenas 36% dos votos – ou seja, um terço do país "governa sozinho". Por outro lado, o United Kingdom Independence Party (Ukip), um partido anti-imigração e anti-União Europeia, fez 13% dos votos, mas ganhou apenas uma cadeira – 0,15% dos 650 membros do parlamento.

Dois turnos

Outro modelo bastante discutido, mas solenemente ignorado pelo parlamento, é o modelo de voto em dois turnos, apresentado pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE) – apoiado pela OAB e pela CNBB. Por esse modelo, o eleitor vota em partidos no primeiro turno para definir a distribuição das cadeiras.

No segundo, o eleitor pode escolher um candidato para ocupar essas vagas. É um sistema similar ao atual, mas que corrige algumas distorções causadas por puxadores de votos e reduz o número de candidatos e o custo das campanhas.

Além disso, há a proposta do voto em lista fechada, inicialmente defendido pelo PT, da divisão de estados em "distritões" com voto em lista aberta e modificações pontuais no atual sistema – que ainda não está totalmente descartado. A discussão rápida e isolada da comissão da reforma, porém, inviabilizou uma análise aprofundada dessas alternativas.

Reta final da reforma política começa nesta segunda-feira

Esta semana deve ser a reta final da reforma política na Câmara. Na segunda-feira (25), está prevista a votação do relatório pela comissão responsável e, depois, uma reunião de lideranças para estabelecer como será o processo de votação.

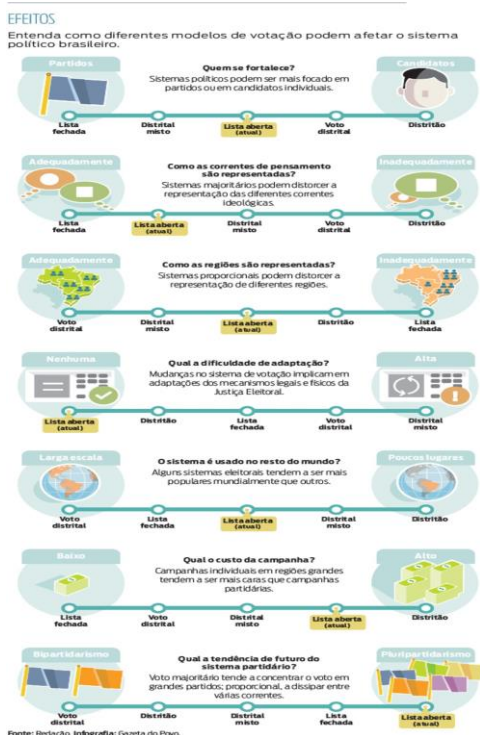
As votações em plenário devem começar a partir de terça-feira (26) e se estender até quinta (28). Se o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) for aprovado, segue para análise do Senado.

A decisão da comissão da reforma sobre o relatório está sendo adiada desde a semana retrasada. O relator Marcelo Castro (PMDB-PI) apresentou o texto no dia 12, e, após pedidos de vista, ficou decidido que a votação seria no dia 14.

Desde então, uma série de polêmicas envolvendo o período de transição entre a unificação das datas – uma proposta que, apesar de rejeitada pela imensa maioria dos estudiosos sobre o assunto, é quase unânime entre os parlamentares – forçou o adiamento para esta segunda-feira.

É difícil que, dessa vez, a votação não saia. Caso a comissão não consiga votar seu relatório, o presidente Eduardo Cunha (PMDB-RJ) pode avocar a matéria para votação em plenário. Isso não é necessariamente uma coisa boa: a celeridade da discussão retirou questões importantes da pauta, reduzindo a reforma política a uma reforma eleitoral.

Além disso, "inovações" que parecem distantes de qualquer sistema político funcional, como as eleições unificadas e o "distritão", podem virar realidade sem uma discussão minimamente embasada.



Procedimentos

Segundo Cunha, já está definida uma ordem de temas a serem colocados em pauta. Primeiro, será debatido o modelo de votação – se o “distritão”, presente até o momento no relatório, for rejeitado, é possível votar o distrital misto.

Depois, vota-se o financiamento de campanha, o fim da reeleição, a duração dos mandatos, a coincidência das eleições, as cotas femininas, o fim das coligações e a cláusula de barreira, nesta ordem.

Nos últimos dias, algumas movimentações importantes aconteceram. O PT, que defendia o voto em lista fechada, aderiu à proposta do PSDB de voto distrital misto. Juntos, os dois partidos acreditam que possam evitar a aprovação do “distritão” – visto como o mal maior por ambos os lados.

Apenas 20% estão satisfeitos com carreira oferecida por empresas

25/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Segundo pesquisa realizada pela comunidade de avaliação de companhias Love Mondays, quatro em cada cinco profissionais não estão satisfeitos com as oportunidades de carreira que a empresa na qual trabalha oferece.

O grau de satisfação dos participantes foi avaliado em uma escala de 1 a 5, em que 1 representa um profissional muito insatisfeito e 5 significa um funcionário muito satisfeito.

Apenas 20% consideraram-se satisfeitos ou muito satisfeitos com as oportunidades de carreira, enquanto 55% afirmaram ter uma postura neutra em relação a isso. Os 25% restantes afirmaram estarem insatisfeitos ou muito insatisfeitos.

Realizado em abril, o levantamento considera 5195 opiniões de usuários do site, que são membros de cem empresas. No Love Mondays, profissionais podem avaliar a empresa em que trabalham e informar seu salário para compará-lo com outras instituições.

Em nota, Luciana Caletti, diretora-executiva da Love Mondays, diz: “Oferecer oportunidades de progressão na carreira é um aspecto fundamental na retenção dos melhores talentos. Ainda, o funcionário que vê possibilidades reais de crescimento dentro da empresa tende a ser mais comprometido e motivado, sabendo que os seus esforços serão reconhecidos com a promoção tão desejada.”

Entre os que se declararam satisfeitos na pesquisa, os cargos mais comuns são consultor independente, consultor de beleza, gerente, diretor, treinador, consultor sênior e gerente, trainee e supervisor e menor aprendiz.

Já os cargos com maior número de insatisfeitos com as oportunidades de carreira oferecidas por sua empresa são carteiro, agente dos Correios, auxiliar de serviços gerais, técnico de informática, faturista, ajudante de produção, técnico administrativo, auxiliar de escritório, técnico em enfermagem e auxiliar de expedição.

“Os profissionais que optaram por uma carreira solo ou que ocupam cargos mais estratégicos mostraram que estão mais felizes com o plano de carreira. Da base, apenas trainees e menor aprendiz apontam satisfação”, comenta a diretora do Love Mondays.

Em relação aos setores de atuação, a satisfação é mais presente nos segmentos de consultoria, química, metalurgia e mineração, tecnologia da informação e

telecomunicações, construção e engenharia, serviços financeiros, farmacêutica e saúde, bens de consumo, transportes e logística e agropecuária.

Já as áreas de governo e terceiro setor, manufatura industrial, varejo, têxtil, eletrônico, energia, serviços a empresas e ao consumidor, turismo e lazer e educação são as que concentram mais insatisfeitos.

MP 664 causa divergência entre área econômica e política

25/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

As áreas política e econômica do governo federal entraram em divergência em relação ao destino da Medida Provisória 664, que tornou mais difícil o pagamento de benefícios previdenciários – pensões por morte e auxílio-doença.

Na sexta (23/05), ao anunciar o decreto de contingenciamento orçamentário, a equipe econômica sinalizou que conta com a aprovação da MP. O ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, deixou claro que espera a aprovação das medidas provisórias no Senado.

Por outro lado, integrantes da cúpula do governo trabalham para colocar em prática, na próxima semana, uma manobra regimental que pode acarretar na perda de validade da Medida Provisória 664.

Caso a proposta não seja votada no Congresso antes do próximo dia 1º de junho, ela “caduca”, perdendo seus efeitos. A avaliação dentro do governo é de que o texto original foi bastante alterado na discussão realizada na Câmara dos Deputados, tornando a economia menor do que a esperada pela equipe econômica.

O governo esperava obter inicialmente uma economia de cerca de R\$ 2 bilhões. Após os parlamentares afrouxarem as novas exigências, acabou-se reduzindo essa cifra a menos da metade, segundo cálculos do consultor de Orçamento da Câmara, Leonardo Rolim.

Além disso, quando passou pela Câmara, os deputados incluíram na medida provisória uma emenda que criou uma alternativa ao fator previdenciário, algo que, de acordo com contas do próprio governo, deve gerar um gasto de R\$ 40 bilhões na próxima década.

Diante de um custo-benefício pouco favorável, a MP 664 deixou de ser prioridade. A perda de validade também eliminaria o desgaste da presidente Dilma Rousseff de ter que vetar o trecho que trata do fator previdenciário, defendido pela base aliada e pela cúpula do PT.

Embora a estratégia já esteja armada, o discurso oficial dos governistas deverá ser o de que a 664 será votada como veio da Câmara, ou seja, com o fator previdenciário. A previsão de gastos com o seguro-desemprego e o abono salarial foi reduzida em R\$ 5 bilhões, alterados pela MP 665, já aprovada na Câmara.

Comau SmartRob faz montagem de motores

25/05/2015 - Fonte: Automotive Business

A Comau lançou numa feira de máquinas em São Paulo a SmartRob, estação de montagem robótica automatizada produzida no Brasil e apropriada à montagem de motores.

Segundo a empresa, trata-se de um sistema modular que suporta várias configurações para a operação de linhas de montagem, em conformidade com requisitos das normas NR12 e de manufatura enxuta.

A estação 2400 pode ser programada para desenvolver qualquer atividade de montagem de motores. Durante a feira ela simulou um processo de montagem de válvulas do cabeçote do motor. A SmartRob é totalmente automatizada e utiliza um robô NJ60.

Nessa configuração, está apta a executar a montagem do cabeçote dos cilindros e o ferramental também permite a modificação com um investimento mínimo, segundo a Comau, para suportar outras versões do mesmo motor ou tipo similar.

IHS busca novo diretor de consultoria automotiva

25/05/2015 - Fonte: Automotive Business

Maurício Sant'Anna, country manager da IHS para a América Latina, que tem escritório central no Rio de Janeiro, está selecionando profissional experiente na indústria automobilística para ocupar a posição de diretor de consultoria, posição que ficou vaga com a saída de Vitor Klizas, agora na Jato Dynamics.

O núcleo regional especializado no setor automotivo fica em Campinas (SP), onde são preparados estudos, previsões e análises sobre o comportamento da indústria, e tem, entre outros profissionais, o suporte do consultor Paulo Cardamone.

Ocupando a função atual desde março de 2014, o administrador Sant'Anna, especializado em computação e gestão de negócios, assistiu a um crescimento expressivo da IHS na América Latina.

Ele não detalha o tamanho desse mercado para a empresa, limitando-se a informar que a organização global possui 8 mil funcionários e fatura US\$ 2,3 bilhões. "Trafegamos nas áreas de energia elétrica, petróleo, finanças e química na região, sem esquecer do segmento automotivo, no qual somos bastante fortes", esclarece.

A ocupação do escritório no Rio de Janeiro foi um dos pontos centrais no plano de expansão da IHS, que investe na América Latina há cinco anos. A empresa mantém escritórios regionais em São Paulo, na Colômbia e no México, onde há expectativa de um avanço significativo. As operações na Argentina, no campo de petróleo e manufatura automotiva, são atendidas pelo Brasil e equipes de outros países.

Audi vende 5,2% mais veículos no 1º quadrimestre

25/05/2015 - Fonte: Automotive Business



No centro, Rupert Stadler, CEO da Audi, Axel Strotbek, membro do conselho para finanças, e Martin Winterkorn, chairman e supervisor do board, durante assembleia com acionistas.

Após o melhor primeiro trimestre de sua história, a Audi aumenta as vendas globais também no primeiro quadrimestre: entre janeiro e abril, a companhia registrou aumento de 5,2% das entregas na comparação com igual período de 2014, passando de 561 mil para 591 mil unidades, conforme dados divulgados na sexta-feira, 22, pelo CEO Rupert

Stadler, por ocasião da assembleia geral ordinária entre o conselho de administração e acionistas realizada em Neckarsulm, na Alemanha:

“Temos a intenção de continuar a crescer este ano - mais rápido do que o mercado mundial e em todas as regiões. Nossa marca tem o objetivo de estabelecer novos recordes”, confirmou Stadler aos acionistas.

No ano passado, a marca alcançou 1,74 milhão de unidades vendidas em todo o mundo, representando o melhor ano em vendas de sua história, com crescimento de 10,5% sobre o ano anterior.

Segundo Stadler, o progresso para este ano será baseado por novos lançamentos, especialmente os novos membros da família Q, como o Q7, que chega no segundo semestre, e os SUVs Q3 e Q5.

O CEO destacou ainda o investimento recorde de € 24 bilhões entre 2015 e 2019, € 2 bilhões a mais do que no ciclo anterior e dos quais 70% serão aplicados no desenvolvimento de novos modelos e tecnologias. As fábricas alemãs de Ingolstadt e Neckarsulm receberão mais de metade do investimento previsto.

Até 2020, a Audi projeta lançar cerca de oito novos modelos, aumentando seu portfólio dos atuais 52 para 60 automóveis. Ainda para a família Q, está prevista a chegada do novo Q1, que deve ser produzido em Ingolstadt a partir de 2016, enquanto o Q8, SUV topo de linha da família, será adicionado em 2019. A montadora prepara ainda um SUV com acionamento elétrico, que deve chegar ao mercado em 2018.

“Apesar de um nível recorde de investimento, estamos mantendo nossas metas financeiras ambiciosas e pretendemos alcançar um retorno operacional sobre as vendas dentro do alvo estratégico, entre 8% e 10% também este ano”, afirmou Axel Strotbek, membro do conselho de administração da Audi e para finanças e organização.

Bosch: carro do futuro perto de virar realidade

25/05/2015 - Fonte: Automotive Business



O aguardado carro do futuro parece estar cada vez mais próximo de chegar ao presente e tornar-se realidade nas ruas. Ao menos é esta a impressão que a Bosch passou em seu encontro bianual com a imprensa, realizado na quinta-feira, 21, em Boxberg, Alemanha.

A companhia traçou suas expectativas, falou dos esforços em busca de inovação e mostrou tudo isso na pista de testes, onde cerca de 40 modelos, entre carros em produção e protótipos, mostravam as tecnologias mais recentes desenvolvidas pela sistemista em parceria com montadoras.

A ideia era mostrar na prática a aposta da companhia alemã para o futuro da mobilidade

urbana, que inclui três pilares: conectividade, automação e eletrificação. As premissas foram aplicadas em diferentes níveis nos carros oferecidos para teste.

A frota incluía modelos como o Tesla S equipado com sistema em desenvolvimento que permite ao carro rodar de forma totalmente autônoma. Outro destaque foi o Mercedes-Benz Classe B com sistema de assistência ao estacionamento com acionamento remoto, que pode ser feito de um tablete ou pela chave do carro, por exemplo.

A gama de carros equipados com sistema da fabricante alemã inclui até mesmo o impressionante Porsche 918 Spyder, série limitada que esbanja 887 cavalos de potência, com sistema de bateria e motor elétrico da Bosch.

“Nós já fazemos muito mais do que freios e sistemas de injeção de combustível. Fornecemos sistemas de mobilidade como um todo, incluindo soluções para carros conectados, outros modelos de transporte e infraestrutura”, determina Rolf Bulander, que comanda a área de soluções para a mobilidade da empresa. Segundo ele, a empresa pretende acompanhar nos próximos anos a convergência entre as tendências da área tecnológica e as necessidades da sociedade.

O executivo avalia que é necessário defender o transporte multimodal e investir em sistemas que aumentem a segurança, tornem os motores mais eficientes e tragam facilidade aos motoristas principalmente para enfrentar os congestionamentos das grandes cidades.

Ainda assim, ele acredita que o automóvel permanece como fonte de diversão e objeto de desejo dos consumidores das mais diversas culturas. “Em economias maduras a demanda por veículos será guiada por inovações. Já nos mercados emergentes há a crescente adoção de novos padrões de consumo.”

APOSTAS

A Bosch aposta que eletrificação, automação e conectividade são aspectos complementares do carro que atenderão os desejos do consumidor, as necessidades ambientais e a mobilidade no futuro. Como exemplo, Bulander cita os carros elétricos, que emitem menos gases do efeito estufa, mas ainda garantem diversão ao volante, com torque elevado.

A companhia avalia que a eletrificação receberá impulso nos próximos anos, com a tendência de queda nos preços das baterias de íons de lítio e aumento da infraestrutura de recarga dos carros até 2020.

Ainda assim, a tecnologia não reinará sozinha e vai conviver com outros tipos de propulsão. A expectativa é que, em 2025, este tipo de motor tenha participação de 15% nas vendas de veículos novos.

“Isso significa que o motor a combustão permanecerá como a base da mobilidade eficiente”, explica Bulander. Para isso, o executivo lembra que será necessário aumentar a eficiência destes propulsores.

Ele estima que seja possível reduzir em 10% o consumo de combustível dos carros a diesel e em 20% o dos modelos a gasolina. Há ainda os motores híbridos, que terão espaço principalmente nas versões plug-in para o segmento de carros premium.

“Também temos trabalhado em opções com bom custo benefício para o segmento de entrada e já temos dois pedidos de fornecimento para produção em larga escala”, comemora.

Sobre a automação, Bulander destaca o crescimento da presença de sistemas de assistência ao motorista. "Nossas vendas têm crescido um terço por ano."

Segundo ele, a demanda pelos sensores feitos pela empresa deve dobrar em 2015 como já aconteceu em 2014, quando foram vendidas mais de 50 milhões de unidades. Para garantir que o ritmo permaneça assim a empresa começará a fabricar este ano novos sistemas de estacionamento remoto, de manobras evasivas para a prevenção de acidentes e também tecnologias voltadas a situações de engarrafamentos.

Em 2020 a empresa pretende começar a fabricar sistema mais avançado, de alta ou total automação para que os carros rodem em estradas. Apenas a partir de 2025 a empresa prevê a chegada de tecnologia tão refinada que permita ao veículo circular de forma autônoma tanto em condições urbanas quanto em rodovias.

Na área da conectividade a Bosch destaca que novos sistemas oferecerão recursos como diagnóstico remoto de problemas, gerenciamento de manutenção e de combustível e de autonomia.

Em estágio mais avançado, as tecnologias permitirão gerenciar todo o ciclo de vida do veículo, desde o desenvolvimento e produção até a desmontagem e remanufatura ou reciclagem.

O caminho natural, segundo a fabricante, é que os sistemas dos automóveis passem a se conectar e obter informações sobre as vias e possam até encontrar vagas de estacionamento antes mesmo de o veículo chegar ao local, poupando tempo do motorista.

Para tornar suas tecnologias mais eficientes, a Bosch pretende ampliar a atuação para além dos automóveis. "No futuro qualquer usuário das estradas poderá ser nosso cliente", determina Bulander.

A ideia dele é garantir que a companhia tenha participação ativa na transformação da mobilidade urbana que deve acontecer nos próximos anos, trazendo inovação e moldando os novos padrões.

"O conhecimento da Bosch vai além da área dos carros e do transporte. Isso significa que poderemos conectar os carros a casas inteligentes", sinalizou o executivo, dando pistas dos planos para o longo prazo.

Ação da Fiat Chrysler cai quase 3% após notícia de que aproximação com GM foi rejeitada

25/05/2015 - Fonte: Reuters

As ações da Fiat Chrysler recuavam cerca de 3 por cento nesta segunda-feira na Bolsa de Milão, após o New York Times ter noticiado no sábado que o presidente-executivo da empresa, Sergio Marchionne, escreveu para a General Motors em março sugerindo uma combinação das montadoras, mas teve a proposta rejeitada.

Às 8h35 no horário de Brasília, a ação da Fiat recuava 2,92 por cento, a 13,97 euros. Citando duas pessoas com conhecimento de um e-mail enviado por Marchionne, o jornal disse que ele detalhava como as montadoras globais precisam se consolidar para economizar e sugeriu que uma fusão da GM e da Fiat Chrysler cortaria bilhões de dólares em custos e criaria uma gigante do setor automotivo.

A Reuters noticiou em 13 de abril que Marchionne, que lidera a sétima maior montadora do mundo, contemplava uma super fusão, possivelmente nos Estados Unidos, para

eliminar as fraquezas de sua empresa e cimentar seu legado antes de deixar o cargo no início de 2019.

O New York Times disse que a ideia não interessou a co-presidente-executiva da GM, Mary Barra, ou quaisquer outros executivos da GM. "Em vez disso, a solicitação do Sr. Marchionne por um encontro sobre o assunto foi recusada", disse o jornal, citando pessoas com conhecimento da situação que falaram sob condição de anonimato.

Economistas elevam projeção para Selic a 13,75% em 2015 e a 12% em 2016

25/05/2015 - Fonte: Reuters

Economistas de instituições financeiras elevaram a perspectiva para a Selic no fim deste ano e do próximo, ao mesmo tempo em que pioraram a projeção para a inflação e a atividade econômica em 2015.

A pesquisa Focus do Banco Central divulgada nesta segunda-feira mostrou que a projeção para a Selic no final de 2015 subiu a 13,75 por cento, contra 13,50 na pesquisa anterior. Para a reunião de junho do Comitê de Política Monetária (Copom), os especialistas passaram a ver alta de 0,50 ponto percentual na taxa básica de juros, atualmente em 13,25 por cento, contra elevação de 0,25 ponto anteriormente.

Já para o fim de 2016, a estimativa para a taxa básica de juros a subiu a 12,00 por cento, ante 11,75 por cento na pesquisa anterior.

Em relação à inflação, a perspectiva para a alta do IPCA neste ano agora é de 8,37 por cento ante 8,31 por cento anteriormente. Sobre o Produto Interno Bruto (PIB), a pesquisa aponta expectativa de contração em 2015 de 1,24 por cento, contra queda de 1,20 por cento antes.

Geração de emprego formal no Brasil tem pior abril da série histórica

25/05/2015 - Fonte: Reuters

O Brasil fechou 97.827 vagas formais de trabalho em abril, pior resultado para o mês na série histórica e frustrando de longe as expectativas de analistas, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados pelo Ministério do Trabalho nesta sexta-feira.

Pesquisa da Reuters mostrou que a mediana das expectativas era de abertura de 54 mil empregos. A série histórica do Ministério do Trabalho vai até maio de 1999. Em março, haviam sido criados 19.282 postos com carteira assinada, sem ajustes.

O resultado de abril foi influenciado sobretudo pelo fechamento de postos de trabalhos nos setores de indústria de transformação, construção civil, comércio e serviços. Dez dos doze segmentos da indústria de transformação apresentaram desempenho negativo no período.

No acumulado do primeiro quadrimestre do ano houve demissão líquida de 137.004 trabalhadores com carteira assinada. O mercado de trabalho mostra neste ano maior desaceleração na oferta de vagas com carteira assinada em movimento convergente com a persistente fraqueza da economia e em contexto marcado por forte ajuste fiscal posto em prática pelo governo para reequilibrar as contas públicas.

Em abril, a taxa de desemprego do Brasil ficou em 6,4 por cento, atingindo o maior nível em quase quatro anos e no quarto aumento consecutivo, segundo dados do IBGE.

Desde o início do ano o mercado de trabalho vem mostrando recorrente esgotamento, com aumento da procura por emprego e menor criação de postos ou demissões em vários setores, em uma conjuntura econômica caracterizada também por inflação alta e aperto monetário.

BC endurece discurso e diz estar totalmente comprometido com meta de inflação em 2016

25/05/2015 - Fonte: Reuters

O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, endureceu nesta sexta-feira o discurso do combate à inflação, afirmando que o BC está totalmente comprometido com a tarefa de trazer a inflação a 4,5 por cento no fim de 2016 e que fará o que for necessário para tanto.

Em discurso de encerramento do seminário anual de metas para inflação da autarquia, no Rio de Janeiro, Tombini repetiu diversas vezes o termo vigilante para descrever a atual condução da política monetária pelo BC, dando sinais de nova elevação dos juros na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a despeito da fraqueza da economia.

"A inflação, o Banco Central está totalmente comprometido com trazê-la para o nível de 4,5 por cento em dezembro de 2016", disse a jornalistas, após o fim do evento. "Esse é o compromisso do Banco Central e diante desse compromisso nós faremos o que for necessário para atingir essa meta", completou.

Na última reunião do Copom, o BC elevou a Selic em 0,5 ponto percentual, a 13,25 por cento ao ano, dando sequência ao ciclo de aperto monetário iniciado em outubro para debelar a alta de preços na economia.

Apesar do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ter ficado pela primeira vez no ano abaixo de 1 por cento em abril, na comparação mensal, em 12 meses o índice bateu em 8,17 por cento, nível mais alto em mais de 11 anos e bem acima do teto da meta do governo de 6,5 por cento.

Diante desse quadro, economistas vêm sucessivamente elevando sua projeção para a inflação de 2015, calcados sobretudo no impacto para a economia do ajuste de preços administrados e alta do dólar ante o real. Em pesquisa Focus do BC divulgada na segunda-feira, a estimativa para o IPCA no ano chegou a 8,31 por cento.

RECADADO

Em seu discurso, Tombini assinalou primeiramente que a política monetária "foi, está e continuará vigilante" para assegurar que os efeitos dos ajustes de preços sobre a inflação fiquem circunscritos ao curto prazo.

Ao longo de sua fala, ele disse ainda ser "imprescindível" que a política monetária se mantenha vigilante, em sintonia com o conjunto da política macroeconômica, e que, como os avanços alcançados no combate à inflação ainda se mostram insuficientes, "faz-se necessário manter a política monetária vigilante".

Com o anúncio do contingenciamento de gastos não obrigatórios do governo marcado para esta sexta-feira, Tombini avaliou que "uma política consistente implementada com rigor ao longo do tempo favorece o trabalho do BC de atingimento da meta de inflação".

Segundo duas fontes do governo, os cortes no Orçamento da União de 2015 a serem anunciados na tarde desta sexta-feira somarão quase 70 bilhões de reais.

Tombini avaliou que a tempestividade e a consistência do conjunto de medidas tomadas pelo governo para atingir o superávit primário de 66,3 bilhões de reais este ano, correspondente a cerca de 1,1 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), ajudará a criar uma percepção positiva sobre o ambiente macroeconômico do país no médio e no longo prazo, fortalecendo a visão de maior sustentabilidade do balanço do setor público e assegurando uma trajetória favorável para a dívida pública.

Governo finaliza plano para frear demissões

25/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Após os dados do mercado de trabalho mostrarem o pior resultado para abril em 23 anos, integrantes do governo estão finalizando um programa para segurar o nível de emprego na indústria.

O plano é inspirado em um modelo alemão e prevê a redução da jornada de trabalho e de salários nas empresas afetadas pela crise econômica, sem causar perda de arrecadação ao governo federal.

O governo ainda não definiu os percentuais de redução da jornada de trabalho e de salário. Mas, uma das ideias em estudo é a defendida pelas centrais sindicais que prevê jornada 30% menor e corte nos salários de 15%.

O programa de proteção ao emprego, em estudo no governo, é uma alternativa aos "layoffs", sistemas que têm sido adotados principalmente pelas montadoras.

No "lay-off", há suspensão dos contratos de trabalho por um prazo de cinco meses (que pode ser prorrogado) e o trabalhador recebe o equivalente ao valor do seguro-desemprego, bancado pelo governo federal. Nesse regime, as empresas deixam de recolher contribuições previdenciárias e trabalhistas.

A ideia proposta no programa de proteção ao emprego em estudo pelo governo é manter o trabalhador com salário e jornada menores por um prazo de ano, mas sem causar perda de arrecadação ao governo, uma vez que as empresas têm de recolher as contribuições porque os contratos de trabalho não são suspensos. Com a jornada reduzida, as empresas, além de pagarem salário menor, conseguem ajustar a produção à demanda mais fraca.

Na semana passada, CUT, Força Sindical e UGT entregaram carta à presidente Dilma Rousseff em que pedem a adoção do plano, em caráter de teste e de urgência, por um período de ao menos 12 meses para evitar mais demissões principalmente no setor automobilístico.

Para entrar em vigor, o plano tem de ser negociado com sindicato e passar por aprovação em assembleia. A proposta ganha força com a ameaça de cerca de 1.500 demissões nas próximas semanas em montadoras do Grande ABC (SP).

O pedido foi reforçado pelo ex-presidente Lula em reunião com a presidente na sexta-feira (22). Ele manifestou preocupação com a ameaça de demissões no ABC, berço e base eleitoral do PT.

Dilma não descartou, mas mostrou dúvidas quanto à eficácia do plano. "Acho que isso beneficia uma elite do operariado", respondeu ela, conforme relatos. Integrantes da equipe econômica e da área política da Esplanada defendem a ideia por razões distintas.

No primeiro caso, estudos internos mostram que é mais barato ajudar a pagar o salário reduzido via recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), conforme desenho atual da proposta, do que arcar com o seguro-desemprego, área que o governo tenta enxugar.

Mais: o modelo prevê a manutenção do pagamento de encargos trabalhistas enquanto o plano é adotado na fábrica. Ou seja: não haveria, inicialmente, impacto sobre a arrecadação federal.

Já do ponto de vista político, ministros ponderam a ação contribuiria para reabilitar as relações de Dilma com o reduto eleitoral petista, incomodado com as medidas de ajuste fiscal que endurecem as regras para a concessão de abono salarial e seguro-desemprego.

EMPREGO E RENDA

"A ideia é que a empresa pague 70% do salário e os 15% restantes venham de um fundo anticrise", diz Miguel Torres, presidente da Força Sindical. As centrais defendem que esse fundo poderia ser constituído com os recursos do adicional de 10% da multa do FGTS, paga pelos empregadores em demissões sem justa causa.

"Esse dinheiro da multa já está no caixa do governo. São cerca de 3 bilhões por ano, que vêm do pagamento dos 10% da multa", explica Ricardo Patah, presidente da UGT. Para a CUT, o plano não prevê flexibilização dos direitos nem qualquer mudança trabalhista, mas sim uma alternativa para manter empregos em épocas de crise.

Em uma das negociações com o governo, o presidente da central, Vagner Freitas, destacou que o programa, batizado de PPE (Plano de Proteção ao Emprego), só pode ser acionado em caso de crise econômica cíclica ou sistêmica que deve ser comprovada pela empresa ao sindicato da categoria e ao governo federal. E esse problema econômico não pode ser derivado de má gestão.

Para as centrais, outro ponto importante que diferencia o programa do lay-off é que, quando o trabalhador afastado (no lay-off) volta a assumir seu posto na empresa, corre o risco de ter problema para sacar o seguro-desemprego caso seja demitido meses depois. Isso porque, a suspensão total do contrato de trabalho envolve recursos da conta do seguro-desemprego do trabalhador.

No programa de proteção ao emprego, isso não ocorrerá porque os recursos utilizados para viabilizar o programa são de outra natureza, além do fato do programa manter o vínculo de emprego.

URGÊNCIA

O plano também é finalizado em um momento em que os dados de emprego, divulgados pelo Ministério do Trabalho, deixaram a presidente Dilma "preocupadíssima", na definição de assessores.

Quase 98 mil empregos com carteira assinada foram cortados no país em abril, o pior resultado para o mês desde o governo Fernando Collor de Mello. O recorde só não é tão amargo quanto o comparativo de crescimento em relação ao adversário tucano.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso entregou, em seus dois mandatos, um crescimento médio de 2,3%. No primeiro mandato, a marca de Dilma foi de um PIB de 2,1%. A produção da indústria brasileira vem caindo puxada justamente pela desaceleração da economia.

A Mercedes-Benz, em São Bernardo, anunciou que vai encerrar os contratos de um grupo de 500 trabalhadores, que estão afastados em lay-off, e informa ter, mesmo após os cortes, excedente de 1.750 empregados nessa fábrica.

A GM, em São Caetano, também estuda dispensar 819 trabalhadores, que estão com contratos suspensos, segundo o sindicato local.

Deficit no INSS deve atingir o maior patamar em 6 anos

25/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Com a deterioração do mercado de trabalho e sucessivas derrotas do pacote de ajuste fiscal no Congresso, o governo passou a projetar um salto do deficit da Previdência Social neste ano.

De R\$ 43,6 bilhões calculados na versão original do Orçamento, feita no ano passado, o rombo esperado nas contas do INSS foi elevado em 67%, para R\$ 72,8 bilhões com as novas estimativas de receitas e despesas divulgadas nesta sexta (22).

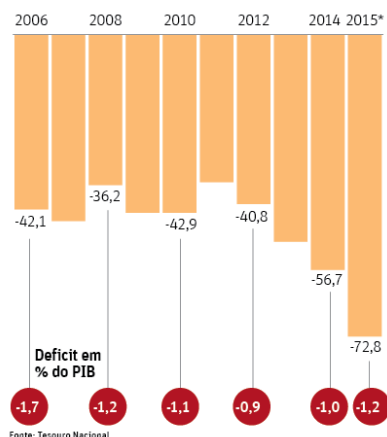
Trata-se de um aumento de 28,4%, bem superior à inflação, em relação aos R\$ 56,7 bilhões do ano passado. Como percentual do PIB, o deficit sobe de 1% para 1,2%, maior patamar em seis anos.

A piora das contas previdenciárias explica boa parte das dificuldades enfrentadas pela equipe de Joaquim Levy (Fazenda) na tentativa de reequilibrar o caixa do governo.

CONTAS DO INSS PIORAM

Após melhora no fim da década passada, rombo da Previdência volta a ganhar força

Receitas menos despesas previdenciárias, em R\$ bilhões



Para reforçar a arrecadação do INSS em R\$ 5,4 bilhões neste ano, foi proposta em fevereiro uma revisão drástica da política de desoneração tributária das folhas de pagamento das empresas, uma das marcas do primeiro governo Dilma Rousseff.

O projeto, no entanto, sofre resistências dos próprios partidos que dão sustentação ao Palácio do Planalto no Congresso. Depois de atrasos e modificações, a expectativa de ganhos até dezembro se tornou remota.

O mesmo aconteceu com a medida provisória destinada a endurecer as regras para a concessão de pensão por morte e auxílio-doença, desfigurada com a ajuda decisiva do PT e do PMDB.

Com desemprego em alta e renda em queda, as perspectivas de arrecadação da contribuição previdenciária- em sua maior parte, incidente sobre as folhas de salários- ficaram mais sombrias.

A receita esperada no ano com o tributo foi reduzida em R\$ 28 bilhões, um montante semelhante aos gastos projetados com o Bolsa Família. Uma das principais explicações é a projeção de queda de 2,9% da massa salarial (soma de todos os salários recebidos), descontada a inflação.

Pelos cálculos oficiais, o INSS arrecadará o equivalente a 6,25% do PIB. Não se pode acusar a previsão de pessimista: em 2014, com o emprego em alta, foram 6,1%, recorde histórico. No primeiro trimestre, as receitas cresceram menos que as despesas, e o déficit da Previdência subiu de R\$ 11,7 bilhões, em 2014, para R\$ 18 bilhões, neste ano.

Desigualdade de salários entre homens e mulheres mais que dobra em 12 anos

25/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O mercado formal de trabalho sempre foi mais favorável aos homens do que às mulheres, e, nos últimos anos, isso se intensificou.

A diferença nos salários de contratação mais do que dobrou entre 2003 e este ano, apontam dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

Em 2003, os salários médios de admissão de mulheres contratadas com carteira assinada eram de R\$ 824 e o dos homens era R\$ 882, um valor 6,85% maior. Já em março deste ano, a diferença de remuneração chegou a 14,38%.

Uma possível explicação para a crescente desigualdade é que, nesse período, os trabalhadores se qualificaram e a disparidade entre as remunerações dos gêneros aumenta à medida que cresce a escolaridade.

A diferença salarial entre homens e mulheres não é um problema só do Brasil. "Nenhum país resolveu o problema da desigualdade de remuneração entre gêneros, nem mesmo os nórdicos", diz Irene Natividad, presidente da Cúpula Global das Mulheres.

Para ela, a distância entre os salários "não tem nenhuma relação com as taxas de desemprego ou o status econômico do país".

A cúpula é um evento anual e cuja 25ª edição foi em São Paulo, neste mês. Natividad apresentou um levantamento sobre a presença de mulheres nos conselhos de administração das grandes empresas, que são responsáveis pelas principais decisões, como indicar os nomes dos diretores-executivos.

No Brasil, há, em média, 6,3% de mulheres neles. É uma taxa pouco mais baixa do que a média da América Latina (6,4%), mas distante dos EUA (19,2%) e da Europa (20%). Empresas americanas e vários países europeus adotaram políticas de cotas nos cargos de alto escalão para compensar a disparidade.

Os menores salários das mulheres não são só uma desigualdade, mas também um paradoxo, diz Lais Abramo, da Cepal. Isso porque no Brasil elas são mais educadas dos que eles (segundo o último Censo, 12,5% das mulheres tem nível superior, contra 9,9% dos homens).

Abramo aponta causas para a diferença. Segundo ela, há "uma série de mitos e preconceitos", como o de que os homens vestem mais a camisa da empresa e a de que elas se devotam mais à vida doméstica do que à profissional.

Outro motivo que cita é a segmentação ocupacional-algumas profissões bem remuneradas, como a de engenheiros, ainda são dominadas por homens.

Irene Natividade, da Cúpula Global das Mulheres, diz que a diferença de 14,38% apontada pelo Caged no salário de admissão de homens e mulheres (veja mais abaixo) é sintomática, já que esta é a base a partir da qual evolui a remuneração.

Para a professora Regina Madalozzo, do Insper, essa diferença de base tende somente a crescer conforme aumenta a qualificação.

Assim, quanto menor o nível de educação dos trabalhadores, menor é a disparidade de salários entre os dois gêneros. "Ao comparar trabalhadores que têm ensino superior completo, a diferença [de remuneração] sobe para 40%", explica.

Outra causa por trás dessa distância, segundo a gerente do programa da ONU para mulheres no Brasil, Ana Carolina Querino, é que as mulheres são mais vulneráveis ao movimento do mercado de demissões e recontrações com remunerações menores.

Também sintoma da disparidade entre homens e mulheres no mercado de trabalho são as salas de reunião dos conselhos administrativos das grandes empresas, majoritariamente ocupadas por homens.

Uma delas, Marília Rocca, do conselho do Santander Brasil, afirma que parte da explicação está no histórico da entrada no mercado: como elas demoraram mais para fazer parte da população economicamente ativa, demoram mais para alcançar posições de chefia.

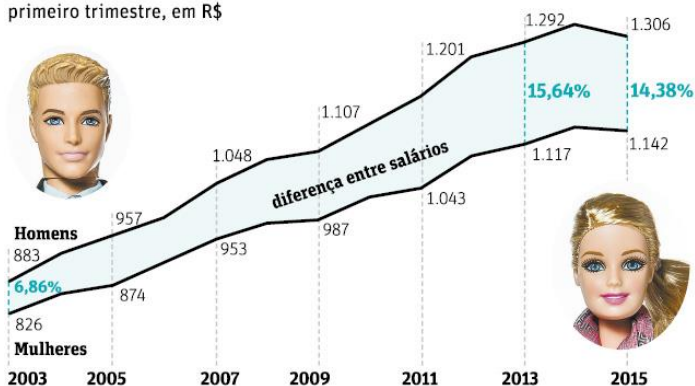
A presença de mulheres em cargos mais altos pode ser aumentada por influência externa -como multinacionais que trazem para as filiais do país políticas de inclusão.

Andrea Alvares, 43, é a diretora geral de salgados da PepsiCo para a América do Sul e Caribe, o posto mais alto da empresa no Brasil. Ela tem apenas colegas homens (seis ao todo) em cargos semelhantes ou superiores.

Segundo Alvares, existem diretrizes da matriz para instalar programas de empoderamento de mulheres na operação.

COMEÇANDO ATRÁS

Salário médio de admissão no primeiro trimestre, em R\$



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego



Austrália desiste de investigar mercado de minério de ferro

25/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

O governo da Austrália decidiu rejeitar uma investigação sobre o mercado do minério de ferro, durante uma semana tumultuada envolvendo o tema no país, com um ácido debate sobre o forte avanço da produção nesse setor, apesar da queda nos preços globais.

O caso provoca um debate no país sobre se os recursos naturais pertencem ao país ou a companhias privadas que os exploram. Mais cedo neste mês, o primeiro-ministro australiano, Tony Abbott, apoiou os pedidos para que o Comitê Econômico do Parlamento investigasse as alegações de que as gigantes da mineração BHP Billiton e Rio Tinto estavam puxando para baixo os preços do minério de ferro, ao elevar sua produção de maneira a prejudicar os competidores menores e a própria economia do país.

Um sinal da divisão dentro do governo sobre o tema, porém, foi dado no fim da quinta-feira, quando o ministro das Finanças, Joe Hockey, descartou qualquer plano para investigações.

A decisão ocorreu após uma campanha pouco usualmente incisiva, das normalmente discretas gigantes da mineração. O presidente da BHP, Andrew Mackenzie, disse que qualquer investigação seria "uma ridícula perda do dinheiro dos contribuintes".

A queda nos preços do minério de ferro reduz a receita australiana com impostos, dificultando a tarefa do governo de melhorar as finanças nacionais. A Austrália é responsável por mais da metade do comércio global de minério de ferro, essencial para a fabricação de aço.

"Os proprietários dos recursos são essencialmente australianos, certo, não as corporações", disse Flávio Menezes, professor de regulação econômica da Universidade de Queensland que apoiava a investigação. Segundo ele, a queda nos preços é um tema político e seria "um erro muito custoso" para o governo decidir ignorá-lo.

A BHP e a Rio Tinto dizem que o minério de ferro é uma commodity negociada globalmente, em um livre mercado, e que suas expansões, planejadas anos atrás, ocorrem em benefício de seus acionistas.

Também argumentaram que outros países simplesmente elevariam a sua produção, caso elas deixassem de expandi-la, o que acabaria prejudicando a própria Austrália.

A próxima eleição geral australiana ocorre em menos de 18 meses e o minério de ferro deve seguir como um tema importante no país. Fonte: Dow Jones Newswires.

Audi se une ao Baidu por carros conectados na China

25/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

A fabricante de automóveis alemã Audi vai fortalecer serviços de carros conectados na China para atender a uma demanda crescente por sistemas de assistência de direção e tecnologia autônoma no maior mercado automotivo do mundo.

A principal marca de luxo da Volkswagen informou que vai desenvolver, em conjunto com a provedora chinesa de serviços de internet Baidu, dados de mapa de navegação, algoritmos de posicionamento e funções de pontos de interesse.

Empresas chinesas de internet e fabricantes de automóveis têm sido rápidas em se aliar para desenvolver veículos parcialmente autônomos e conectados à web, caminho percorrido pelas gigantes americanas de tecnologia Apple e Google.

"Agora estamos dando nosso próximo grande passo na China", disse o presidente executivo da Audi, Rupert Stadler, na reunião anual de acionistas da montadora realizada em Neckarsulm, Alemanha. "Os mundos real e virtual estão se fundindo."

O aumento do uso de equipamentos eletrônicos e softwares nos automóveis, assim como a capacidade dos carros para se conectar a smartphones e outros dispositivos, vem abrindo novas possibilidades de negócios para fornecedores da indústria automobilística e para empresas de tecnologia.

Audi e Baidu haviam assinado um memorando de entendimentos em janeiro e vão agora fechar um contrato selando sua parceria na feira International Consumer Electronics Show (CES), que começa nessa segunda-feira em Xangai, na China.

Quarta geração. A fabricante de automóveis sediada em Ingolstadt, na Alemanha, informou também que vai desenvolver, em parceria com a chinesa Huawei, um módulo LTE (tecnologia de telefonia móvel 4G), com transmissão ultrarrápida de dados, para uso em seus carros na China, Japão e Coreia do Sul.

As fabricantes de carros de luxo alemãs Mercedes, Audi e BMW se uniram ao fundo General Atlantic para aumentar seu poder de fogo na área tecnológica. Segundo fontes, elas estão na disputa pela Here, a unidade de mapas da Nokia.

Líderes do BCE e do Fed divergem sobre como estimular o crescimento econômico

25/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

Os líderes dos dois maiores bancos centrais do mundo ofereceram diferentes visões sobre o papel que devem desempenhar no esforço para puxar o crescimento econômico, deixando evidente os caminhos divergentes que trilham as maiores economias.

No painel que fechou a conferência do Banco Central Europeu (BCE) no resort de Sintra, próximo à costa de Portugal, o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Mario Draghi, reforçou sua defesa de reformas econômicas na Europa, que já passou por duas recessões desde 2009 e ainda carrega uma elevada taxa de desemprego (11,3%), superior à norte-americana e à japonesa.

"Não queremos ter um comportamento intruso" ao pedir aos governos que tomem ações no mercado de trabalho e realizem mudanças nas políticas fiscais", disse Draghi. "Faço um apelo para que haja uma ação", acrescentou.

Em direção contrária, o vice-presidente do Fed, Stanley Fischer, recomendou uma abordagem mais cautelosa, embora tenha notado que a economia dos Estados Unidos podem se beneficiar de um gasto maior por meio de reformas.

"Pode-se falar de (reformas estruturais) de tempos em tempos, mas não se pode fazer disso o principal ponto de discussão todo a vez em que se encontra com a imprensa", afirmou no painel.

Em parte, essa diferença de ênfase entre o Fed e o BCE reflete a situação atual de cada uma dessas economias. Nos EUA, onde o mercado de trabalho é considerado mais flexível e móvel do que na Europa, a taxa de desemprego estava em 5,4% em abril, bem abaixo da taxa europeia.

"Na Europa, o componente estrutura de baixo crescimento é muito superior ao dos Estados Unidos", disse Draghi.

No mesmo painel, o presidente do Banco do Japão, Haruhiko Kuroda, disse que a política monetária pode facilitar aos governos a introdução de reformas para tornar suas economias mais flexíveis.

"Se a economia cresce com uma taxa de inflação de 2%, então reformas mais sérias e severas podem ser aceitas pelo público em geral", observou. Fonte: Dow Jones Newswire.

China garante que ferrovia Brasil-Peru respeitará meio ambiente

25/05/2015 - Fonte: GS Notícias

A China garantiu nesta sexta-feira que a ferrovia que financiará para unir a costa brasileira ao Pacífico peruano respeitará o meio ambiente, no momento em que surgem preocupações sobre possíveis danos no trecho pela Amazônia.

"As três partes concordam em que o estudo conjunto de viabilidade deste projeto não apenas é favorável ao desenvolvimento conjunto, mas que também vai proteger o meio ambiente", garantiu nesta sexta-feira o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, em Lima.

"A China respeita a biodiversidade da América Latina (...). A selva amazônica é um tesouro de todo o mundo. Para esta infraestrutura será preciso proteger o meio ambiente", disse Li em uma declaração conjunta com o presidente peruano, Ollanta Humala, após firmar 10 acordos de cooperação.

Li garantiu que o trabalho da China para construir a ferrovia que atravessará a América do Sul favorecerá a qualidade de vida dos habitantes das comunidades locais, respeitando costumes e estilos de vida.

O projeto, que busca reduzir o preço do transporte e tornar mais competitivas as exportações da região, tem custo estimado em 30 bilhões de reais, e unirá o Pacífico peruano à costa brasileira, sob o nome de Corredor Ferroviário Bioceânico Central.

Empresas taiwanesas buscam parceiros brasileiros

25/05/2015 - Fonte: GS Notícias



Empresas chinesas também anunciaram a procura por representantes locais.

O espaço destinado às empresas estrangeiras tem aumentado a cada feira, sobretudo às empresas asiáticas. De forma ainda mais organizada, as empresas de Taiwan têm buscado espaço no mercado local como nunca. Não por acaso, pois 30% das exportações e 37% das importações negociadas com países latino-americanos têm como alvo o Brasil.

Lideradas pela Associação da Indústria de Máquinas de Taiwan (Tami) e com o apoio do Conselho para Desenvolvimento do Comércio Exterior de Taiwan (Taitra), mais de 20 empresas estiveram presentes na 15ª edição da Feimafe, encerrado nesse sábado (23), em São Paulo.

Baseadas nos números relativos a 2014 e focadas no ramo automobilístico, as fabricantes de máquinas e ferramentas do país asiático confiam no mercado brasileiro para aumentar as negociações locais.

Por isso, representantes de 11 empresas de Taiwan apresentaram, no último dia 19, o Fórum de Tecnologia e Inovação em Máquinas de Taiwan. No evento, que aconteceu em paralelo às atividades da Feimafe, foram apresentados os principais produtos e tecnologias trazidas à feira.

No discurso de abertura do Fórum, o diretor do Taiwan Trade Center do Brasil (filial de promoção comercial da Taitra no Brasil), Krist Yen, fez questão de reforçar a importância do Brasil para o mercado exportador de máquinas-ferramentas de Taiwan. Hoje, 80% das máquinas produzidas no País são exportadas.

Ele foi o quarto maior exportador mundial de máquinas-ferramenta em 2014. Na promoção das fabricantes, o diretor busca enfatizar que o País está provando que seus produtos têm valor agregado e de grande competitividade no mercado externo.

Parceria local

Nos corredores destinados às empresas asiáticas era impossível não notar os cartazes que ofereciam vagas para representantes comerciais. Papeis improvisados e coloridos mostravam a estratégia adotada pelas estrangeiras para entrar ou ganhar o mercado local.

A porta-voz da Tami, Grace Chen, diz que a maioria das empresas quer estar perto do mercado e conseguir parceiros locais. Sobretudo, em função da distância física e a dificuldade de comunicação por causa dos idiomas.

“É difícil alcançar todo o mercado global, por isso precisam de parceiros”, conta Grace. Em sua maioria, as empresas que expuseram no evento eram de pequeno e médio porte.

Para a representante da associação, os mais de dez anos introduzidos no mercado nacional e participando de eventos como a Feimafe, comprovam que já provaram que os produtos made in Taiwan tem qualidade para competir com equipamentos norte-americanos e europeus.

Pás de aço para geradores eólicos são 90% mais baratas

25/05/2015 - Fonte: GS Notícias

As lâminas das turbinas eólicas são feitas de materiais compósitos, essencialmente plásticos reforçados com fibras. Elas são leves e resistentes, mas também são caras, exigem muita mão-de-obra para serem fabricadas e não podem ser recicladas.

Tentando solucionar essas deficiências, engenheiros do Instituto Fraunhofer, na Alemanha, estão propondo usar pás eólicas feitas de aço.

Para manter a leveza e a resistência, eles usaram chapas de aço de apenas 1 milímetro de espessura, adotando um reforço central e usando uma técnica especial para dobrar a chapa de aço, de forma a minimizar a perda de resistência.

"Em primeiro lugar, isto torna as turbinas eólicas significativamente mais ecológicas, já que mais de 90% do aço pode ser reciclado - então, usar lâminas de metal nos rotores torna a energia eólica verdadeiramente ecológica," disse o Dr. Marco Prohl, responsável pelo projeto, chamado HyBlade.

Custo 90% menor

Mas há outros fatores que talvez possam ser ainda mais decisivos no momento em que as empresas compararem o emprego das pás de aço em relação às pás de compósitos.

"Em comparação com as lâminas similares feitas de plástico reforçado com fibras, o custo das lâminas de aço produzidas em larga escala é até 90% menor - e as pás podem ser fabricadas de forma mais precisa," disse Prohl.

A equipe está se preparando agora para testar a tecnologia em um protótipo de turbina eólica completa, com pás de aço de 2,8 metros de comprimento.

Produção mundial de aço recua em abril

25/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

A produção mundial de aço bruto, considerando-se os 65 países que informam seus dados à Worldsteel, entidade que reúne as 170 principais fabricantes do insumo no mundo, totalizou 135,41 milhões de toneladas em abril, com queda de 1,7% frente as 137,78 milhões de toneladas produzidas um ano antes, influenciada principalmente pelos menores volumes na China, Japão e Estados Unidos.

Na comparação com março, quando foram produzidas 138 milhões de toneladas do insumo, a retração foi de 2,2%.

De acordo com a Worldsteel, porém, a taxa de utilização da capacidade instalada das siderúrgicas dos 65 países no mês passado ficou em 72,5%, uma alta de 0,9 ponto percentual frente a março — na comparação com abril de 2014, houve queda de 3,2 pontos percentuais.

Com esse desempenho, no acumulado do ano até abril, a produção mundial de aço bruto ficou em 536,49 milhões de toneladas, com queda de 1,7% ante as 546 milhões de toneladas produzidas em igual intervalo de 2014.

Na China, maior produtora mundial de aço, a produção em abril foi de 68,9 milhões de toneladas, 0,7% abaixo do volume alcançado um ano antes. Conforme a Worldsteel, a produção total de aço no país asiático, no primeiro quadrimestre, foi confirmada em 270 milhões de toneladas, com retração de 1,3%.

O Japão, por sua vez, produziu 8,4 milhões de toneladas do insumo, com recuo de 6,1% na comparação anual, enquanto a produção na Coreia do Sul caiu 6,6%, para 5,8 milhões de toneladas. A Índia, por sua vez, produziu 2,1% mais aço bruto em abril (7,4 milhões de toneladas).

Na União Europeia, aponta a Worldsteel, a Alemanha produziu 3,6 milhões de toneladas, com queda de 1,9% frente a abril de 2014, e a Itália reduziu em 8,5% o volume de aço produzido no mês, para 1,9 milhão de toneladas. Na França, a produção do insumo caiu 0,9%, para 1,3 milhão de toneladas.

Segundo a entidade, a produção de aço na Turquia subiu 3,9% em abril, para 2,8 milhões de toneladas, e avançou 3,2% na Rússia, para 6,1 milhões de toneladas.

Já os Estados Unidos responderam por 6,5 milhões de toneladas produzidas de aço bruto, com retração de 9,8% na comparação com abril de 2014.

No Brasil, cujos dados já foram divulgados pelo Instituto Aço Brasil, a produção totalizou 2,9 milhões de toneladas no mês passado, alta de 4,4%.

ArcelorMittal e Sail vão produzir aço automotivo na Índia

25/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

A ArcelorMittal, maior siderúrgica do mundo, assinou um memorando de entendimentos com a Steel Authority of India Limited (Sail) para produzir aço destinado ao setor automotivo em uma usina que será erguida na Índia.

O acordo, que representa o primeiro passo para constituição de uma joint venture, prevê a instalação de um laminador a frio e unidades de acabamento, com vistas a atender o crescente mercado de automóveis do país.

Em nota, a ArcelorMittal justifica o investimento a partir da previsão de que a Índia se torne o quarto maior fabricante mundial de carros em 2020, passando de 3,5 milhões de unidades hoje para mais de 7 milhões de unidades.

"Em resposta ao nível da procura e com apoio do programa 'Faça na Índia', concebido para transformar a Índia em um centro global de fabricação automotiva, as montadoras têm estabelecido maior presença no país", informou a gigante siderúrgica.

A Sail, por sua vez, disse que está perto de completar um amplo programa de modernização e expansão, que vai elevar sua capacidade de 14 milhões para 23,5 milhões de toneladas de aço ao ano.

Usinas de ferro-Gusa já demitiram 37,5 mil

25/05/2015 - Fonte: GS Notícias

Desde 2009 - auge da crise financeira internacional - operando com não mais do que metade de sua capacidade instalada, o parque guseiro de Minas Gerais cortou postos de trabalho na mesma proporção ao longo dos anos, o que provocou a demissão de aproximadamente 37,5 mil trabalhadores, entre diretos e indiretos. Hoje, o setor opera com 55% de ociosidade e luta para manter a produção nos mesmos patamares dos últimos anos.

"Estamos sofrendo as conseqüências de tudo aquilo que começou em 2008. E a economia do País não atravessa hoje um momento favorável, o que está penalizando o setor", lamenta o presidente do Sindicato da Indústria do Ferro no Estado de Minas Gerais (Sindifer-MG), Fausto Varela Cançado.

Segundo o dirigente, à plena carga o segmento gera, em média, 25 mil empregos diretos e o dobro de vagas indiretas. Mas, com a produção reduzida praticamente à metade, a conta relativa à eliminação de postos de trabalho pode ser feita na mesma proporção. Isso quer dizer que cerca de 12,5 mil trabalhadores diretos e 25 mil indiretos já foram dispensados.

"Hoje, temos aproximadamente 45% da capacidade instalada funcionando. E isso é ruim, porque toda vez que se interrompe a produção, naturalmente, ocorrem demissões. "Uma mão de obra intensiva e muito importante para as regiões onde estão instaladas as

indústrias do segmento. Além disso, os empregos indiretos também ficam comprometidos", explica o presidente do Sindifer-MG.

Em termos de produção, há pelo menos três anos, segundo ele, o setor vem conseguindo manter o volume equilibrado, mas em níveis baixos, próximos da metade da capacidade instalada. E nos primeiros quatro meses de 2015 não foi diferente, uma vez que a produção ficou em linha com a do mesmo período do ano passado.

Na avaliação de Cançado, alguns incentivos retirados pelo governo federal contribuíram para piorar a situação do segmento. Como exemplo, ele cita a redução do percentual de ressarcimento tributário do Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra), de 3% para 1%, que atingiu em cheio a atividade, na medida em que as exportações representam um importante mercado para o parque guseiro do Estado.

Prova disso é que, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), os embarques mineiros de ferro-gusa cresceram 13,1% em 2014 na comparação com o ano anterior, desempenho que ficou muito acima da média nacional, que registrou queda de 3,8% na mesma base de comparação.

Em termos de receita, no exercício passado as vendas das usinas do Estado para o exterior somaram US\$ 394,4 milhões, contra US\$ 351,3 milhões em 2013, um crescimento de 12,2%. Neste ano, com a valorização do dólar frente ao real, a redução do ressarcimento do Reintegra provocou uma perda que poderia estar incrementando ainda mais a receita com as exportações.

Por outro lado, no mercado interno, a mesma alta do dólar impacta os custos. Isso porque, apesar do preço do minério de ferro (principal matéria-prima do setor, junto com o carvão vegetal), ter caído, a cotação doméstica da commodity é feita com base na moeda americana.

"No mercado interno, o minério continua com cotação elevada, uma vez que seu preço em dólar caiu no mercado mundial, mas a moeda americana valorizou no Brasil. O preço interno normalmente é dolarizado porque, como a exportação é grande, a interferência na precificação doméstica também é grande", explicou.

Apesar de apenas 46 dos 102 altos-fornos do Estado estarem em atividade e de todo o cenário adverso, o presidente do Sindifer-MG mantém o tom de otimismo. "Em que pese as dificuldades, temos que ter otimismo", diz.

Já o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Olavo Machado Junior, em poucas palavras resumiu a importância do parque guseiro para cadeia de mineração. "A primeira agregação de valor ao minério é feita pelo ferro-gusa. Temos que fazer com que este setor seja valorizado e que tenha sua importância reconhecida", disse.

MMX registra prejuízo de R\$263 milhões no 1º Trimestre

25/05/2015 - Fonte: GS Notícias

Atolada em dívidas, e em recuperação judicial, a MMX Mineração e Metálicos S/A, controlada pelo empresário Eike Batista, apresentou prejuízo líquido de R\$ 263 milhões no primeiro trimestre de 2015. O rombo cresceu em relação aos montantes anteriores de R\$ 176 milhões no 4º trimestre de 2014 e R\$ 70 milhões no mesmo período do ano passado.

Conforme relatório de resultados divulgado pela companhia, o prejuízo do trimestre passado é fundamentalmente consequência da provisão de Take or Pay - acordos escritos entre um comprador e um vendedor que obrigam o comprador a pagar, independentemente de haver ou não a entrega do bem ou serviço por parte do vendedor - com a MRS Logística, no valor de R\$ 177 milhões no trimestre passado, além da paralisação das vendas, que ocorreu desde setembro do ano passado.

O Ebitda ajustado consolidado registrado pela MMX no 1º trimestre ficou negativo em aproximadamente R\$ 236 milhões, 5% menor que no 4º trimestre de 2014. Já a redução em relação ao mesmo período do ano passado (R\$ 501,3 milhões) foi de 53%, decorrente principalmente da queda nas vendas e paralisação da produção.

O resultado financeiro líquido da MMX (receitas X despesas) no Atolada em dívidas, e em recuperação judicial, a MMX Mineração e Metálicos S/A, controlada pelo empresário Eike Batista, apresentou prejuízo líquido de R\$ 263 milhões no primeiro trimestre de 2015. O rombo cresceu em relação aos montantes anteriores de R\$ 176 milhões no 4º trimestre de 2014 e R\$ 70 milhões no mesmo período do ano passado.

Conforme relatório de resultados divulgado pela companhia, o prejuízo do trimestre passado é fundamentalmente consequência da provisão de Take or Pay - acordos escritos entre um comprador e um vendedor que obrigam o comprador a pagar, independentemente de haver ou não a entrega do bem ou serviço por parte do vendedor - com a MRS Logística, no valor de R\$ 177 milhões no trimestre passado, além da paralisação das vendas, que ocorreu desde setembro do ano passado.

O Ebitda ajustado consolidado registrado pela MMX no 1º trimestre ficou negativo em aproximadamente R\$ 236 milhões, 5% menor que no 4º trimestre de 2014. Já a redução em relação ao mesmo período do ano passado (R\$ 501,3 milhões) foi de 53%, decorrente principalmente da queda nas vendas e paralisação da produção.

O resultado financeiro líquido da MMX (receitas X despesas) no primeiro trimestre desse ano foi negativo em R\$ 10 milhões. O principal motivo para redução em relação ao 4º trimestre de 2014, segundo o balanço da MMX, foi o reflexo da alta do dólar e do euro no fim do ano de 2014, sendo registrados R\$ 31 milhões de receita de variação cambial referentes aos adiantamentos a fornecedores registrados no balanço.

No final do 4º trimestre de 2014, a dívida financeira total da mineradora era de R\$ 99 milhões, sendo R\$ 5 milhões de curto prazo em moeda nacional e R\$ 94 milhões de longo prazo em dólares norte-americanos.

Conforme explicou a empresa, como não houve contratação de nenhuma nova linha de crédito nem a quitação das já existentes, o endividamento permaneceu basicamente o mesmo tendo sofrido apenas os efeitos da variação cambial.

Primeiro trimestre desse ano foi negativo em R\$ 10 milhões. O principal motivo para redução em relação ao 4º trimestre de 2014, segundo o balanço da MMX, foi o reflexo da alta do dólar e do euro no fim do ano de 2014, sendo registrados R\$ 31 milhões de receita de variação cambial referentes aos adiantamentos a fornecedores registrados no balanço.

No final do 4º trimestre de 2014, a dívida financeira total da mineradora era de R\$ 99 milhões, sendo R\$ 5 milhões de curto prazo em moeda nacional e R\$ 94 milhões de longo prazo em dólares norte-americanos. Conforme explicou a empresa, como não houve contratação de nenhuma nova linha de crédito nem a quitação das já existentes, o endividamento permaneceu basicamente o mesmo tendo sofrido apenas os efeitos da variação cambial.